Marilia Riul
Ingrid Moura Wanderley
Maria Cecília Loschiavo
dos Santos

e

NTREVISTA COM STUART WALKER

INTRODUÇÃO:

Figura 1: Stuart Walker.
Fonte: Ingrid Moura Wanderley.

Stuart Walker (Figura 1) é professor de Design para Sustentabilidade e codiretor do centro de pesquisa *Imagination Lancaster* na Universidade de Lancaster, Reino Unido. Também é Professor Visitante de Design Sustentável na Universidade de Kingston, Reino Unido, Professor Adjunto da Faculdade de Arte da Universidade de Ontário, Toronto, e Professor emérito da Universidade de Calgary, no Canadá. Especialista em pesquisa prática em design para sustentabilidade, desenvolveu uma forma única de prática acadêmica de design em que gera objetos proposicionais integrados com a teoria, informados por ela e que também informam a teoria. Seu trabalho aborda particularmente os fundamentos filosóficos e espirituais de uma perspectiva filosófica pós-consumista, considerada por ele como uma próxima etapa necessária para as nações economicamente desenvolvidas, caso queiram emergir dos modos ambientalmente desastrosos que estão sendo praticados. Esses modos baseados no crescimento levam, cada vez mais, a um mal-estar existencial profundo. Seus trabalhos de pesquisa foram publicados e apresentados internacionalmente e seus projetos conceituais foram exibidos no *Design Museum*, Londres, em todo o Canadá e na Itália. Alguns de seus livros publicados são: *Sustainable by Design: Explorations in Theory and Practice*, 2006; *The Spirit of Design: objects, environment and meaning*, 2011; *The Handbook of Design for Sustainability* (com Jacques Giard), 2013; e *Designing Sustainability: making radical changes in a material world*, 2014.

Walker foi entrevistado em sua segunda visita ao Brasil, quando participou da Conferência e Workshop “Projeto e política nacional de resíduos sólidos: diálogos sobre sustentabilidade”, realizada no Laboratório de Sustentabilidade (Lassu) da Universidade de São Paulo (USP) em 2013, atividade do projeto de pesquisa patrocinado pelo CNPq: “Design do produto, sustentabilidade e política nacional de resíduos sólidos”, coordenada pela professora Maria Cecília Loschiavo dos Santos. Através das perguntas sugeridas, o professor Stuart Walker criou uma crítica severa ao nosso sistema social de produção em massa e lembrou-nos quais valores realmente importam na nossa jornada.

(s.walker@lancaster.ac.uk)

DOI: [HTTP://DX.DOI.ORG/10.11606/ISSN.2317-2762.v24i43p12-20](http://dx.doi.org/10.11606/ISSN.2317-2762.v24i43p12-20)

Pós, Rev. Programa Pós-Grad. Arquit. Urban. FAUUSP. São Paulo, v. 24, n. 43, p. 12-20, 2017

Marília Riul / Ingrid Moura Wanderley: Se você fosse de outro planeta, que impressão você teria sobre a humanidade apenas olhando a nossa cultura material?

Stuart Walker: Bem, acho que se eu fosse um visitante de outro planeta e visse como estávamos.... Eu andei por todo o mundo e quando eu estou aterrissando em grandes cidades e o avião sobrevoa abaixo do nível das nuvens, nós podemos ver o que está acontecendo, estamos sempre muito, muito ocupados.

Nós vemos os carros acelerando pelas rodovias, rodovias engarrafadas. Vemos muitos trens, edifícios, muito terreno natural sendo escavado e limpo para construções, estradas ou fábricas...

Nós vemos muitos e muitos edifícios e, à medida que nos aproximamos da cidade, esses edifícios são verticais e eles são muito altos. É como uma espécie de colônia de pessoas que habitam o planeta e está ficando cada vez maior e maior...

Estamos constantemente adentrando no ambiente natural e estamos vivendo de uma forma que demanda muitos recursos naturais. Criamos uma cultura material que não é conduzida por necessidades humanas ou mesmo por vontades humanas, desejos humanos razoáveis. É impulsionada pelo crescimento econômico, por pessoas, empresas e acionistas que desejam enriquecer e que criaram um sistema econômico muito prejudicial.

Criamos uma cultura prejudicial para o meio ambiente e com uso intensivo de recursos, realmente estamos retirando demais. É um sistema que depende da produção de resíduos e produção exagerada. Portanto, não é sensato, não é eficiente. Falamos sobre a eficiência o tempo todo, sobre tornar nosso sistema muito mais eficiente, mas nosso sistema de produção baseia-se na superprodução e no desperdício. É tudo, menos eficiente.

Então, é uma espécie de loucura que criamos, o que é insustentável e, embora vejamos o dano que está causando tanto para o meio ambiente como para a sociedade, não parecemos saber como sair disso. E isso é muito preocupante, porque quanto mais tempo continuar, à medida que os recursos se tornam mais escassos, a água limpa ou a comida se tornam mais escassas, as pessoas terão que viver e isso pode levar a um conflito.

Platão disse há milhares de anos em sua obra “A república”, há séculos atrás, há milênios atrás, sobre como devemos viver, em que tipo de cidade devemos viver e era uma cidade, de acordo com Sócrates, com base na suficiência. Mas então você vai para a próxima pergunta, por que não queremos viver assim? Queremos viver no luxo como nós vivemos agora e ele identificou viver no luxo - a cidade luxuosa - como sendo a base de um mundo em conflito porque, para fornecer esse luxo, temos que tomar cada vez mais e mais. Então, as pessoas nunca aceitarão ter menos e, eventualmente, estarão em conflito. Agora, curiosamente, é exatamente isso que foi destaque neste ano em Davos. Foi dito que temos que mudar o sistema por causa de efeitos ambientais e por causa da justiça social. Eles disseram que se não o fizermos, isso poderia levar a um conflito.

Eu estava lendo um livro sobre a história do desenvolvimento na Ásia e a condição atual, e o autor desse livro também dizia que essa desigualdade levaria a conflitos se não mudarmos nossos caminhos. Então, há uma devastação ambiental, mas as pessoas precisarão viver, e se elas não conseguirem o suficiente porque alguns têm tudo, então não parece ser bom para o futuro. Precisamos mudar a maneira como fazemos as coisas.

¹ No dicionário Houaiss: “a concepção de um produto (máquina, utensílio, mobiliário, embalagem, publicação etc.), especialmente no que se refere à sua forma física e funcionalidade.”

M. R. /I. M. W.: Em sua opinião, quais são os valores éticos fundamentais de uma cultura significativa e sustentável?

S. W.: Bem, é a velha questão... “como devemos viver”?

O que faz uma vida boa? Infelizmente, como adotamos na sociedade atual, o que faz uma vida boa é ter mais coisas. Mas, curiosamente, quando as pessoas são colocadas em uma situação muito estressante e tem que ponderar sobre seus valores e o que realmente lhes importa, não é o modelo do carro, nem o modelo do telefone, nem o valor do seu terno.... Você sabe, é a família, os entes queridos e amigos. Isso é o que realmente faz uma boa vida. Ter o grupo de apoio da família, amigos e entes queridos, ter um sentido e propósito na vida, bens materiais suficientes para poder viver e talvez não apenas suas necessidades básicas - um pouco mais que as necessidades básicas, desejos razoáveis, mas não desejos excessivos. E, certamente, não ter essa necessidade constante de consumir, consumir, consumir, construir produtos para durar apenas um curto período de tempo.

Portanto, devemos substituir essa ênfase no consumo. Somos encorajados a comprar mais e ficar insatisfeitos. A sociedade de consumo, como eu disse, é uma sociedade de descontentamento e que gera descontentamento e insatisfação porque é nisso que ela se baseia. Caso você não esteja insatisfeito com o que você conseguiu, não queira comprar nada...o propósito do marketing é fazer você se sentir insatisfeito. Bem, se você está constantemente se sentindo insatisfeito e descontente com sua vida, essa não é uma fórmula para uma vida feliz porque você sempre se sente descontente.

Neste processo, estamos destruindo o planeta e criando uma enorme injustiça social. Estes não são os caminhos para uma vida sustentável ou significativa. Temos que voltar a alguns valores humanos bastante básicos, como o bem-estar espiritual, a família e os amigos e sentir-se parte de uma comunidade baseada no “NÓS”, não no “EU”, ou na sociedade individualista do capitalismo de consumo porque o capitalismo de consumo concentra-se na sociedade do “EU”, “EU”, “EU”, “EU”.

Você sabe, políticos conservadores do livre mercado, como Margaret Thatcher, disseram que não existe sociedade. Há apenas indivíduos. Bem, isso se encaixa diretamente no sistema capitalista individualista, onde as pessoas são atomizadas. Então, em vez de ir com os vizinhos ao cinema local e ver um filme juntos, conversar e sair com amigos de maneira comunal - talvez tomar para o café com esses amigos depois - todos nós temos nossos próprios centros de entretenimento individuais em nossas próprias casas, onde assistimos os filmes sozinhos ou com outra pessoa. Então, temos que comprar o equipamento, que no próximo ano estará desatualizado. Temos que comprar o vídeo cassete e depois o DVD e depois o Blu-ray e, em seguida, a tela HD. Isso nunca termina.... Quão boa a reprodução de um filme precisa ser em casa e por que não podemos ir ao cinema e assistir isso como uma comunidade?

Portanto, ocorre essa atomização e individualização da sociedade em vez de nos unirmos em uma comunidade. Mas é a comunidade, os amigos em comunidade e os entes queridos que dão sentido à vida, não comprar coisas.

M. R. /I. M. W.: É possível listar orientações práticas básicas para conceber artefatos significativos e sustentáveis?

S. W.: Bem, eu não acho que podemos ter um “livro de receitas” com diretrizes para o design de artefatos, porque cada projeto precisa ser avaliado em seus

próprios termos e, particularmente, se estamos falando de localização e sustentabilidade - e a localização é uma grande parte da sustentabilidade... Talvez não seja 100% local, mas muito mais em direção ao local do que como acontece na produção em massa globalizada - adaptar os projetos ao contexto, à geografia local, condições climáticas, necessidades das populações locais, expressões culturais, já que diferem de um lugar para outro.

O que você pode ter, penso eu, não é necessariamente um “livro de receitas” sobre como lidar com isso, mas você pode ter princípios gerais e um conjunto de ideias sobre o que você está tentando alcançar ou o que devemos ter em mente - como o valor de localização. Talvez decidir sobre onde o uso de componentes produzidos em massa faça sentido. Ao usarmos componentes produzidos em massa, podemos reutilizá-los mais facilmente do que se eles fossem projetados exclusivamente para um determinado produto - quando, no fim da vida útil desse produto, não podemos usar essa parte novamente.

Levando em consideração mais, muito mais do que a fórmula modernista “a forma segue a função”, em que estávamos olhando apenas para os aspectos utilitários, aspectos muito práticos, temos que trazer o contexto social e o contexto do significado pessoal e talvez empurrar os meios econômicos para trás um pouco mais. Se você fizer da prioridade econômica o principal motor, então questões ambientais, questões sociais e questões espirituais - coisas que realmente importam - todas elas serão empurradas para trás.

Vemos isso na modernidade e na sociedade contemporânea, onde todas essas coisas são tiradas do foco e as pessoas dizem que não podemos nos dar ao luxo de cuidar dos problemas ambientais porque o preço será aumentado. Não podemos lidar com questões sociais. Nós buscamos o rótulo mais barato e exploramos o meio ambiente e as pessoas porque é isso que o torna mais competitivo. Nós usamos essa linguagem quando a economia é a alma da empresa. Temos de trazer à tona outras coisas e isso significa um modelo econômico diferente. É muito desafiador mudar isso, mas isso é uma consequência inevitável. Precisamos de um modelo econômico diferente.

M. R. /I. M. W.: Você pode explicar o papel do Significado Pessoal no design para a sustentabilidade?

S. W.: Bem, essa ideia de significado pessoal se refere ao desenvolvimento espiritual do indivíduo, o sentido espiritual do bem-estar combinado com o que eu falei sobre valores substantivos. Então, ética pessoal, questões de consciência pessoal e assim por diante.

Eu introduzi isso no escopo da sustentabilidade para começar a fazer a sustentabilidade e o design para a sustentabilidade se relacionarem com os indivíduos e torna-la relevante para os indivíduos - em vez de dizer que a sustentabilidade é uma grande questão social, um grande problema ambiental, uma grande economia, pensamento com que não compactuo. Isso tem que fazer sentido para mim como um indivíduo e é por isso que eu decidi que “o significado pessoal” deve entrar nisso e isso significa fazer o que é certo - examinar a consciência e fazer o que é certo e fazer disso um ponto de referência ao invés de pensar que é “OK” não considerar essas coisas. Não está certo não considerar essas coisas. Devemos considerar essas coisas.

M. R. /I. M. W.: Eu acredito que uma das práticas de design mais prejudiciais está relacionada à criação de artefatos supérfluos. Como os designers podem lidar com o dilema do mercado supérfluo?

S. W.: Bem, eles não podem fazê-lo sozinhos. Os designers podem contribuir, penso eu, e particularmente em um projeto experimental mais acadêmico, mostrando um caminho diferente através de diferentes tipos de objetos. Podemos mostrar um caminho alternativo, mas as questões do mercado supérfluo, da produção em excesso e a forma com que olhamos o desenvolvimento de produtos hoje se referem a “o que de novo podemos produzir para ganhar dinheiro”? Na verdade, não importa o que realmente é, se for novo e se pudermos comercializá-lo para ganhar dinheiro.

Então, temos um produto que pode ser muito avançado e que dura muito tempo, mas se você produzir esse produto, ganhará pouco dinheiro e então teremos que inventar um produto completamente novo. O que as empresas fazem: elas deliberadamente lançam uma espécie de primeiro modelo, que não possui todos os recursos que podem incluir: baixa resolução, baixa duração da bateria, número limitado de recursos - e eles liberam isso, aí, seis meses depois, eles colocam um pouco mais. Então, as pessoas querem o próximo modelo e em seis meses eles lançam o próximo modelo.

Vemos isso o tempo todo e é assim que criamos insatisfação, porque você acabou de comprar aquele, mas outra pessoa obteve esse, então você compra esse e então há outro. Portanto, estamos constantemente criando insatisfação, que é o impulso para o consumo. O objetivo é impulsionar o consumo, e nós [designers] impulsionamos o consumo porque é assim que o sistema capitalista ocidental cria riqueza para os acionistas. Porque eles estimulam o mercado através da chamada “inovação” para incentivar as pessoas a consumir, gastar seu dinheiro para que as empresas ganhem mais dinheiro - de modo que o impulso é o crescimento econômico.

Portanto, a prioridade é econômica e a forma como se dirige isso é através do consumismo e, quando você dirige isso na sociedade de consumo, sempre há muito desperdício, porque quando você libera o novo modelo, o mais antigo é jogado fora e, cada vez mais, mudamos para uma cultura descartável. Meu avô costumava usar uma navalha de barbear e ele mesmo costumava afiá-la. A navalha durava muito tempo e ele mesmo a afiava e se barbeava. Então nós passamos a ter a lâmina descartável e depois o barbeador descartável. E jogamos tudo fora, descartamos. Compramos seis barbeadores em uma embalagem, usamos e jogamos tudo fora.

Esse tipo de cultura se manifesta em tudo - uma furadeira elétrica que você compra, por exemplo, se algo der errado, você a joga fora e a substitui. É mais barato substituí-la. Você simplesmente joga fora. E o telefone celular, você não consegue consertá-lo, você o joga fora. Os computadores portáteis ... são objetos caros, você sabe. Todas essas coisas são muito caras.

Então esse é o problema: o impulso é o sistema econômico. Esse é o principal motivador para essa cultura de produtos excedentes e supérfluos. A maneira de abordar isso é priorizar outros valores e colocar o impulso econômico em segundo plano, porque existem coisas mais importantes na vida do que apenas aumentar sua conta bancária. Sim, temos que ter dinheiro. Não estou dizendo que não precisamos ter dinheiro. Mas o que estamos fazendo é criando enormes desigualdades econômicas. Enquanto algumas pessoas têm milhões e milhões, e bilhões de dólares, e muitas pessoas não têm nada ou têm muito, muito pouco, isso não é ético.

M. R. /I. M. W.: Você acha que o design industrial é percebido pelos empresários apenas como uma ferramenta para aumentar o lucro?

S. W.: Sim. Eu acho que o design industrial é visto assim há muito tempo. É usado muitas vezes como um braço do marketing para criar uma brilhante e linda superfície sedutora, perfeita para um produto atraente que as pessoas queiram comprar.

É usado como roupa de moda para produtos e é isso que Victor Papanek criticou em 1971 e ainda estamos fazendo. Então, sim, muito enfaticamente, sim.

M. R. /I. M. W.: Como você acha que artefatos duráveis afetam o mercado e a sustentabilidade econômica?

S. W.: Bem, se você comprar um produto duradouro com o qual você está satisfeito, então você não está mais contribuindo para a economia, por isso é considerado algo ruim. Mas se você comprar um objeto bonito, que dura muito tempo e que você pode passar para seus filhos ou seus netos, quero dizer, em teoria, isso deve ser uma coisa boa. Se você achar lindo porque foi lindamente produzido e ele puder ser um item de patrimônio, passado de geração a geração, isso deveria e poderia ser uma coisa muito boa.

Mas isso significa que se temos esse tipo de cultura material, ainda precisamos encontrar formas de criar trabalho e riqueza em que as pessoas possam ter um meio de se sustentar de forma que gastem menos energia e recursos. E é por isso que muito trabalho tem sido feito em direção ao design de serviços.

Mas, novamente, muito disso pode ser relacionado à localização, porque se fizermos atividades recreativas no nível local, por exemplo, podemos pagar uma taxa para ser um membro de um clube desportivo ou para ir ao teatro ver uma trupe local ao vivo ou assistir a um concerto de um músico local -então, pagaremos por algo que é considerado de valor, mas não é um artefato material - estamos consumindo entretenimento ou estamos usando uma instalação desportiva, mas não é tão materialmente intensivo.

Se formos ao cinema em vez de adquirirmos nosso próprio sistema de entretenimento, ou seja, todos os DVDs, os filmes e assim por diante - isso é uma mudança. Mas se você for ao cinema - sim, é mais restritivo porque o cinema mostra o filme em um determinado momento e você precisa se dirigir ao local, o que pode não ser conveniente para você - mas isso é parte do relacionamento que você tem com a comunidade. Não é tudo sobre você, é sobre a comunidade e, portanto, participando desse modo, você paga, cria empregos, recebe um serviço, e assim você compartilha com a comunidade, encontra com outras pessoas e depois pode tomar um café com amigos e socializar. Portanto, consome-se muito menos do que se todos estiverem na sua própria casa, com sua própria TV de tela grande, seus próprios DVDs assistindo sozinhos. Isso não constrói uma comunidade e se reflete em muito consumismo, particularmente quando você pensa em todos esses artefatos que permitem que você faça isso... eles podem ser substituídos a cada ano ou a cada dois anos à medida que as novas tecnologias são pressionadas sobre nós.

Então, podemos ainda criar riqueza através de serviços. Se não possuímos TVs e amplificadores de tela grande, vamos ao cinema. Se não possuímos nossa própria academia, vamos a uma academia local. Muitas casas, particularmente na América do Norte onde a população tem grande poder aquisitivo, têm sua própria academia, sua própria piscina e sua própria sala de entretenimento, tudo individualizado. Mas, se não possuímos todas essas coisas e compartilharmos na comunidade, não precisamos de grandes casas. Nós poderíamos viver confortavelmente em casas menores, que precisam de menos material para serem construídas e menos energia para aquecer. Então, há essas

economias múltiplas e há menos manutenção, há menos limpeza em uma casa menor porque você não precisa de tantos lugares que o excesso de consumismo cria. Há muitas pessoas que vivem em casas enormes nos subúrbios da América do Norte, com garagens duplas e que não conseguem colocar seus carros nas garagens, porque estão cheias de coisas. Isso é muito, muito comum. Eles não podem se mover dentro da própria casa por causa da quantidade de coisas que acumulam.

M. R. /I. M. W.: Qual é a sua opinião sobre a estética dos produtos de massa e por que esses produtos têm a mesma aparência, parecem os mesmos?

S. W.: A propaganda, o marketing da sociedade consumista, na verdade, é uma escolha individual. Mas quando você vai à loja, acha que todos os produtos são mais ou menos os mesmos, a única diferença é a marca, mas eles são praticamente iguais. Quero dizer, os diferentes telefones celulares disponíveis, todo mundo está copiando uns dos outros. Todos esses produtos são exatamente iguais. A única diferença é o rótulo ou a marca, o mesmo acontece com os carros, todos eles parecem praticamente os mesmos. Todo mundo produz o mesmo tipo de modelo, a única maneira de distinguir a diferença entre um Audi, um BMW, um Volkswagen e qualquer outro carro é através da marca na parte de trás do veículo. Você não pode identificá-lo de outra forma.

Todos estão competindo uns com os outros nos mesmos termos e não há escolha real do consumidor nesse sentido. Você é identificado como pertencente a uma área específica em um mercado consumidor e recebe um rótulo. É uma imposição. Esse tipo de carro é para você e você se torna o alvo para esse produto. É isso que você pode ter. Você poderia ter um produto com uma marca, ou outra, ou até aquela outra marca... Mas na verdade, eles são praticamente todos iguais. Então, não há realmente muita escolha.

Enquanto na produção localizada e comunidades tradicionais, eles eram muito diferentes. Quando costumávamos viajar, experimentávamos culturas diferentes, muito diferentes, com diferentes alimentos, diferentes formas de vestir, diferentes tipos de móveis e diferentes tipos de casas. Agora, quando você viaja ao redor do mundo, todos se vestem de Levi's, em Nikes e Adidas. Todo mundo carrega um Apple ou um telefone Samsung. As pessoas dirigem o mesmo tipo de carro, têm os mesmos aparelhos em suas casas. Então, tudo é praticamente igual e muito do fascínio e da maravilha da viagem global desapareceu porque todos vivem mais ou menos do mesmo jeito, com as mesmas coisas. Então quando você está viajando e quer comprar algo para levar de lembrança, não é muito interessante, pois não existe diferença nos souvenirs de viagens. Então, a experiência de viajar não é tão rica, porque essa diversidade, essa adaptação à cultura local e à expressão cultural através da roupa, através de móveis e artefatos, desapareceu. O que é lamentável porque tínhamos uma diversidade muito rica, que desapareceu em apenas alguns anos.

M. R. /I. M. W.: Você tem relacionado o design vernacular e sua propriedade de localização com a sustentabilidade. Você pode nos dizer o que é o design vernacular e qual o papel da localização no design sustentável?

S. W.: Tradicionalmente, o design vernacular foi associado a culturas bastante isoladas e as pessoas foram separadas uma das outras. Eles construíram seu tipo particular de cultura material para atender às suas próprias necessidades a partir de materiais locais criando uma diferenciação.

Por exemplo, na Inglaterra, um arquiteto tradicional, eu diria é um arquiteto vernáculo. Em Cotswolds, no sul da Inglaterra, as casas têm um aspecto particular porque são feitas de uma pedra local. Elas têm certo tipo de aparência, o que é peculiar a essa área. Se você vai a Yorkshire, há um tipo diferente de pedra, um design um pouco diferente. Então isso é vernáculo. Se você for para Lake District, a pedra local é a ardósia, o que é muito diferente. Assim, as diferentes casas eram expressivas das condições locais e os projetos mudavam para se adequar à pedra local, ou ao material local. As construções eram feitas de acordo com o que poderia ser feito com essa pedra local e de acordo com as necessidades locais, constituindo um tipo de arquitetura muito distinta e diferente em cada localidade.

Hoje em dia, usamos materiais produzidos em massa e colocamos os mesmos tipos de casas em todos os lugares e não há personalidade local nas casas. Uma habitação nova é igual em todas as localidades e, portanto, há uma perda dessa diversidade. Há uma perda de design vernacular, isso acontece em todo o mundo.

Quando você constrói com materiais locais para atender às necessidades locais, você cria um design vernacular. Há um ajuste com o lugar, um “encaixe” muito bom no ambiente local, um produto da forma como as coisas são construídas localmente. Muitos destes projetos vernáculos evoluíram ao longo de milhares e milhares de anos e as pessoas conseguiram viver de acordo com as condições ambientais locais da maneira como viviam e construíam, em seus tipos de habitação e assim por diante. Quando nos afastamos disso, vemos esses tipos de modos de vida sustentáveis se perdendo muito rapidamente, eu vi isso. Eu morava no Oriente Médio e vi que isso aconteceu muito, muito rapidamente.

As pessoas viviam na costa do Oriente Médio há milhares de anos no mesmo estilo de vida que costumavam viver desde os tempos bíblicos e ainda usavam seu sistema de irrigação, mencionado no livro de Deuteronômio, que data de 500 a.C., por exemplo. É uma maneira de viver muito antiga, em que se faziam casas locais com palmeiras locais, os barcos de pesca locais eram feitos de palmeiras - e havia um equilíbrio. Havia um equilíbrio muito delicado quando as pessoas viviam em harmonia com o meio ambiente, construindo seus artefatos a partir de materiais locais e cultivando alimentos, criando animais. Havia um equilíbrio muito delicado, que desapareceu com a intervenção da tecnologia ocidental muito rapidamente e foi destruído. Algo muito triste de se ver.

Mas é claro que podemos entender por que as pessoas optaram por esse modo mais moderno de viver - é mais confortável. Podemos entender por que as pessoas escolhem fazer isso - é muito atraente. Mas não é sustentável.

Não há respostas fáceis aqui, mas acho que a localização em um contexto moderno provavelmente não é isso. Não significa retornar a esse modo de vida pré-moderno seria contraproducente. Mas precisamos reconhecer que esses modos de vida tradicionais trouxeram algo que era importante quando rejeitamos tudo isso com o alvorecer da modernidade. Perdemos algo muito valioso e ainda podemos aprender com isso hoje.

Então, quando produzimos coisas a nível local, quando empregamos pessoas localmente e pagamos salários dignos para criar artefatos a partir de materiais locais, isso se reflete no preço do artefato. Se isso for levado em consideração - fornecimento local de material do ambiente local, criado ou transformado em artefatos de valor através de habilidades humanas, que as pessoas compram - então o custo real disso é automaticamente incluído no preço do artefato. Porque se você está pagando pelos cuidados ambientais locais, se você estiver

pagando um salário digno para os fabricantes do artefato, o verdadeiro custo é automaticamente incluído no preço do artefato - a degradação ambiental e a exploração humana são parte da produção - e hoje elas não estão incorporadas no preço dos produtos produzidos em massa.

Portanto, a localização pode ajudar. Se existe um fabricante local que está destruindo o ambiente local e vivemos no ambiente local, estaremos muito conscientes disso e algo será feito porque não queremos viver ao lado dessa destruição. Talvez esses fabricantes tenham que mudar o que fazem. Se estivermos conscientes de onde esses artefatos vêm, quais as suas origens, eles são mais significativos para nós - se estamos conscientes das habilidades e da história por trás deles, o que tudo isso significa, portanto, pagamos o verdadeiro custo disso.

A localização e os verdadeiros custos refletidos no preço do artefato ajudariam a incluir aspectos sustentáveis no sistema de produção e os preços do artefato teriam que ser maiores devido aos custos reais. Mas isso significa que teríamos que valorizar mais esses artefatos, porque não podemos nos dar o luxo de jogá-los fora e substituí-los regularmente, pois eles são caros. Isso nos encorajaria a ter mais cuidado com os artefatos e reduzir nosso consumo geral. Então é nesse tipo de processo que a localização pode ajudar a mudar e mostrar um caminho diferente.

Vale a pena reconhecer que podemos aprender com o tradicional se mudarmos o nosso pensamento e começarmos a valorizar as coisas como acontecia nos sistemas tradicionais. É algo muito válido se pudermos reinterpretar isso hoje e reforçar alguns desses valores. Poderíamos viver de maneira muito mais ecológica, sem todo esse consumo de energia do qual somos tão dependentes hoje, e assim por diante.

Nota das Autoras

Financiado pela FAPESP e CNPq.

Nota do Editor

Data de submissão: 26/02/2016

Aprovação: 08/05/2017

Tradução para o português e revisão: Marília Riu e Ingrid Moura Wanderley

Marília Riul

Pesquisadora independente.

CV: <http://lattes.cnpq.br/6091869348536473>

mriul@yahoo.com.br

Ingrid Moura Wanderley

Professora visitante da Universidade Federal de Campina Grande. Campina Grande, PB.

CV: <http://lattes.cnpq.br/6157340213400778>

ingridmw@uol.com.br

Maria Cecilia Loschiavo dos Santos

Professora titular em design da Universidade de São Paulo. São Paulo, SP.

CV: <http://lattes.cnpq.br/9875100117374731>

clschia@usp.br